

Acidentes na infância: principais medidas de urgência, emergência e prevenção

Accidents in childhood: main urgent, emergency and prevention measures

LUANA MOREIRA PORTO

Discente do curso de Medicina (UNIPAM)

FRANCIS JARDIM PFEILSTICKER

Professora orientadora (UNIPAM)

Resumo: Os acidentes pediátricos estão entre as 15 principais causas de morte em menores de 5 anos, em particular entre crianças de 1 a 4 anos de idade, tornando-se um importante problema de saúde pública para as famílias e a sociedade. O objetivo deste artigo foi identificar as principais dúvidas das famílias de duas escolas particulares de Patos de Minas (MG) com crianças de 3 a 4 anos, sobre prevenção de acidentes e condutas em situações de urgência e emergência infantil. Trata-se de um estudo quantitativo descritivo transversal, e o método utilizado foi o de levantamento (*survey*) de dados relacionados ao conhecimento por parte dos pais em prevenção de acidentes na infância, que depois foram armazenados no SPSS. Foram obtidos 45 questionários respondidos no total. A respeito de quem cuida da criança, quem exerce mais esse papel é a mãe (89,9%). Quando perguntados se as crianças são supervisionadas por adultos, 80% disseram sim e 20% disseram na maioria das vezes. Quando perguntados sobre quem eles chamam ou procuram em caso de acidentes, em primeiro lugar é o hospital com 57,8%. Sobre qual número deve ser discado em caso de emergência, 55,6% escolheram o 192. Quando solicitados a marcar 3 acidentes pediátricos que eles supunham que fossem os mais alarmantes e que a prevenção e a capacitação se tornem mais necessárias, segundo a porcentagem dos casos, 84,4% escolheram sufocação e engasgamento, seguido de afogamentos com 71,1% e tendo empate entre queimaduras e quedas com 33,3%. Quando perguntados sobre quais acidentes o pré-escolar havia sofrido, 88% foram quedas, 28% cortes e perfurações, 16% sufocação e engasgamento e 8% queimaduras. Os pais conhecem mais sobre prevenção do que ação sobre os acidentes na infância, sendo necessário o preparo deles para que ações corretas sejam tomadas caso haja acidentes com seus filhos.

Palavras-chave: Prevenção de acidentes. Famílias. Crianças.

Abstract: Pediatric accidents are among the 15 leading causes of death in children under 5 years old, particularly among children aged 1 to 4 years old, becoming an important public health problem for families and society. The objective of this article was to identify the main doubts of the families of two private schools in Patos de Minas (MG) with children aged 3 to 4 years, about accident prevention and behavior in emergency situations and child emergencies. This is a quantitative descriptive cross-sectional study, and the method used was the survey of data related to knowledge on the part of parents in the prevention of childhood accidents, which were then stored in the SPSS. A total of 45 completed questionnaires were obtained. Regarding who takes care of the child, who plays this role the most is the mother (89.9%). When asked if children are supervised by adults, 80% said yes and 20% said most of the time. When asked who they call

or look for in case of accidents, the hospital ranks first with 57.8%. As to which number to dial in an emergency, 55.6% chose 192. When asked to mark 3 pediatric accidents that they assumed were the most alarming and that prevention and training became more necessary, according to the percentage of cases, 84.4% chose suffocation and choking, followed by drowning with 71.1% and having a tie between burns and falls with 33.3%. When asked what accidents the preschooler had suffered, 88% were falls, 28% cuts and perforations, 16% suffocation and choking and 8% burns. Parents know more about prevention than action on childhood accidents, and it is necessary to prepare them so that correct actions are taken in case of accidents with their children.
Keywords: Accident prevention. Families. Children.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando que a maioria dos acidentes ocorre nas residências, é extremamente importante alertar os pais sobre as situações de perigo existentes e a possibilidade de adequações que possam contribuir para a redução da ocorrência desses eventos. Os acidentes mais comuns que ocorrem com crianças são quedas, queimaduras, sufocação, afogamento, aspiração de corpos estranhos e acidentes de trânsito. A maioria desses acidentes ocorre na presença dos pais e em todos eles existem medidas preventivas e formas de intervenção que evitam mais complicações (BRASIL, 2015).

Outro aspecto importante a ser analisado é a insegurança dos pais, principalmente os pais do primeiro filho, quanto à saúde da criança, o que eles devem ou não fazer, os perigos que trazem complicações para as crianças, a qualidade do serviço médico e, o mais importante, quando devem ou não procurar os serviços de saúde.

É notória a expressiva participação das causas externas – acidentes e violência – entre as 15 principais causas de morte em menores de 5 anos, em particular entre crianças de 1 a 4 anos de idade, tornando-se um importante problema de saúde pública para as famílias e a sociedade. Apesar do importante decréscimo das taxas em 2015, foram constatados 2.358 óbitos de crianças por aspiração de corpo estranho, acidentes de trânsito, afogamentos e homicídios, ou seja, uma em cada 20 crianças com menos de 5 anos morreu por essas causas no país (FRANÇA *et al.*, 2017).

Acidentes são hoje a principal causa de morte de crianças de um a 14 anos no Brasil. Todos os anos, cerca de 3,7 mil crianças dessa faixa etária morrem e outras 113 mil são hospitalizadas devido a essas causas no país. Em 2016, 3.733 números de acidentes foram registrados entre crianças de 0 a 14 anos. Entre crianças de 2 a 9 anos aconteceram 357 casos de acidente de trânsito, 600 casos de afogamento, 150 casos de sufocação, 121 casos de queimaduras, 58 casos de intoxicações, 9 casos de armas de fogo, 108 casos de quedas e 135 casos de outras causas (BRASIL, 2016).

Diante do grande número de óbitos no país, torna-se necessário identificar qual o conhecimento que as famílias possuem sobre os acidentes na infância assim como o conhecimento das ações que devem ser executadas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, quantitativo e desenvolvido na cidade de Patos de Minas (MG).

2.1 PARTICIPANTES

A população do estudo foi composta pelos pais ou responsáveis dos alunos do maternal III (idade entre 3 e 4 anos) do Colégio Marista de Patos de Minas (MG) e pais ou responsáveis dos alunos do maternal I/II (idade entre 3 e 4 anos) do Espaço Pedagógico Anjinhos do Saber em Patos de Minas (MG).

2.2 PROCEDIMENTOS

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), aprovada pelo Parecer nº 3.769.904. Foi desenvolvido um questionário no *Google forms* abordando questões sobre acidentes na infância. O questionário foi enviado aos participantes por um período de 2 meses com uma frequência semanal por meio de telefone celular, através do aplicativo *Whatsapp*. O questionário foi respondido após o aceite do TCLE. Devido à pouca adesão, os questionários foram aplicados impressos juntamente com o TCLE em duas vias, no Espaço Pedagógico Anjinhos do Saber, por um período de 15 dias. Os questionários foram transferidos para a ferramenta do *Google forms*. A coleta de dados ocorreu nos meses de setembro a novembro de 2019.

2.3 ANÁLISE DE DADOS

As informações foram armazenadas em um banco de dados no software estatístico *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 22.0 para Windows. Realizou-se a análise descritiva das variáveis categóricas apresentando as frequências percentuais. Nessas análises, incluíram-se as variáveis que caracterizavam os participantes.

3 RESULTADOS

O total de participantes convidados do Colégio Marista foi 60 pais ou responsáveis. O total de participantes convidados do Espaço Pedagógico Anjinhos do Saber foram 48 pais ou responsáveis. Foram obtidos 45 questionários respondidos no total.

Quanto às informações sociodemográficas da população estudada, a maioria dos pais tem idade entre 30 a 40 anos (73,3%) e tem dois filhos (46,7%), sendo que a maior parte dos pré-escolares tem idade de 3 anos (60%). Quanto à renda familiar, 31,1% das famílias possuem renda de R\$7.501,00 a R\$10.000,00. Moram com a criança, a mãe (93,3%), o pai (89,9%), os irmãos (53,3%) e os avós (8,9%). A respeito de quem cuida da criança, quem exerce mais esse papel é a mãe (89,9%). Os irmãos ficam com apenas 2,2%, sendo a idade do irmão que cuida de 11 anos. Os locais de lazer da criança são principalmente em passeios (parques, playgrounds, clubes e outros) com 95,6%, dentro

de casa com 68,9%, e a rua com 15,6%. Quando perguntados se as crianças são supervisionadas por adultos, 80% disseram sim e 20% disseram na maioria das vezes.

A respeito dos objetos da casa que constituem risco para as crianças, quando perguntados se ficam fora do alcance delas, obtivemos diversos resultados. Sobre os remédios, 73,3% falaram que sim. Sobre os produtos de limpeza, 53,3% disseram sim. Sobre os objetos cortantes, 53,3% disseram sim. Sobre as tomadas, 55,6% disseram que não. Sobre as substâncias inflamáveis, 57,8% disseram que sim. Sobre a piscina ser cercada ou ter um tablado, 77,8% disseram não ter piscina e dos que têm 17,8% disseram tomar os devidos cuidados. Sobre as escadas, 66,7% disseram não ter escadas e dos que têm, 26,7% disseram que tem cercado.

Quando perguntados sobre quem eles chamam ou procuram em caso de acidentes, podendo ser marcada mais de uma opção, a porcentagem dos casos revelou que 24,4% nunca passaram por essa situação, e dos que passaram, em primeiro lugar é o hospital com 57,8%, em segundo lugar o SAMU com 17,8%, tentar resolver sozinho alcançou 8,9% e pedir ajuda dos vizinhos com 4,4%. Sobre qual número deve ser discado em caso de emergência, 55,6% escolheram o 192, que é o certo, 28,9% escolheram 193, que corresponde ao Corpo de Bombeiros, 13,3% escolheram 190, que corresponde à Polícia Militar e 2,2% escolheram 182, que é um número que não existe. Isto nos mostra que a quase a metade dos pais não sabe qual é o número do SAMU, o que, em caso de urgência e emergência, é imprescindível saber.

Quando solicitados a marcar 3 acidentes pediátricos dos quais eles supunham que fossem os mais alarmantes e que a prevenção e a capacitação se tornem necessárias, segundo a porcentagem dos casos, 84,4% escolheram sufocação e engasgamento, seguido de afogamentos com 71,1% e tendo empate entre queimaduras e quedas com 33,3%.

Quando perguntados sobre quais acidentes o pré-escolar havia sofrido, 88% foram quedas, 28% cortes e perfurações, 16% sufocação e engasgamento e 8% queimaduras. Quando solicitados a responder se buscaram conhecimento sobre prevenção e tratamento dos respectivos acidentes, 33,3% relataram que o filho nunca sofreu acidentes e do restante, 60% disseram que buscaram conhecimento, enquanto 6,7% disseram que não.

Sobre os acidentes de trânsito, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, grande parte dos pais disseram uso de assento ou cadeira apropriada (97,8%); uso de cinto (91,1%) e não dirigir embriagado (91,1%). Quando perguntados, sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: uso de assento ou cadeira apropriada (97,8%); uso de cinto (97,8%); não dirigir embriagado (93,3%). A respeito das ações caso haja acidente de trânsito, podendo ser marcada mais de uma opção, 91,1% chamam o SAMU e 22,2% retiram a criança do local e conduzem ao hospital.

Tabela 1 – Acidentes de trânsito

Prevenção e ação dos acidentes de trânsito	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Transporte no veículo no banco apropriado	38	84,4
Usar capacete quando utilizar a motocicleta	38	84,4
Dar as mãos para atravessar a rua	38	84,4
Respeitar o limite de velocidade	39	86,7
Respeitar as normas de trânsito incluindo ultrapassagem segura	40	88,9
Uso de cinto	41	91,1
Não dirigir embriagado	41	97,8
Uso de assento apropriado	44	97,8
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Usar capacete quando utilizar a motocicleta	29	64,4
Transporte no veículo no banco apropriado	34	75,6
Respeitar o limite de velocidade	38	84,4
Não dirigir embriagado	40	88,9
Uso de cinto	41	91,1
Respeitar as normas de trânsito incluindo ultrapassagem segura	42	93,3
Uso de assento apropriado	44	97,8
Dar as mãos para atravessar a rua	44	97,8
O que você faz caso haja acidente de trânsito		
Pede ajuda as pessoas que estão próximas	7	15,6
Retira a criança do local e conduz ao hospital	10	22,2
Chama o SAMU	41	91,1

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre sufocação e engasgamento, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria dos pais, ao escolher os brinquedos para uma criança, considera idade, interesse e nível de habilidade (88,9%) e mantém o piso livre de objetos pequenos como botões, colar de contas, bolas de gude, moedas, tachinhas (88,9%). Quando perguntados, sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: ao escolher os brinquedos para uma criança, considera idade, interesse e nível de habilidade (80%) e mantém o piso livre de objetos pequenos como botões, colar de contas, bolas de gude, moedas, tachinhas (86,7%). A respeito das ações, caso haja sufocação e engasgamento, podendo ser marcada mais de uma opção, 55,6% disseram manobra de *Heimlich* e 44,4% liga para o SAMU.

Tabela 2 – Sufocação e engasgamento

Prevenção e ação de sufocação e engasgamento	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Bebês devem dormir de barriga para cima	10	22,2
Não dê alimentos redondos ou duros	25	55,6
Cortar os alimentos bem pequenos	27	60
Evite utilizar bexigas	30	66,7
Ao escolher brinquedos, considere a idade, interesse e nível de habilidade	40	88,9
Mantenha o piso livre de objetos pequenos	40	88,9
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Bebês devem dormir de barriga para cima	9	20
Não dê alimentos redondos ou duros	18	40
Cortar os alimentos bem pequenos	26	57,8
Evite utilizar bexigas	28	62,2
Ao escolher brinquedos, considere a idade, interesse e nível de habilidade	36	80
Mantenha o piso livre de objetos pequenos	39	86,7
O que você faz caso haja sufocação e engasgamento		
Pede para a criança tossir	4	8,9
Não sabe o que fazer	4	8,9
Liga para o SAMU	20	44,4
Dá alguns “tapas” nas costas	20	44,4
Manobra de <i>Heimlich</i>	25	55,6

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre as queimaduras, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria assinalou: coloque as panelas nas bocas traseiras do fogão e com os cabos virados para trás ou para o lado (97,8%) e nunca deixe fósforos e isqueiros ao alcance de crianças (91,1%). Quando perguntados sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: colocam as panelas nas bocas traseiras do fogão e com os cabos virados para trás ou para o lado (95,6%) e nunca deixam fósforos e isqueiros ao alcance de crianças (82,2%). A respeito das ações, caso haja queimaduras, podendo ser marcada mais de uma opção, 62,2% irrigam a área com água e 57,8% ligam para o SAMU.

Tabela 3 – Queimaduras

Prevenção e ação de queimaduras	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Evite a exposição prolongada ao sol e sempre usa filtro solar	3	6,7
Mantenha o registro de gás fechado quando não utilizar o fogão	33	73,3
Mantenha o ferro de passar roupas longe das crianças	34	75,6
Guarde produtos químicos em recipientes adequados e fechados	39	86,7
Nunca deixe fósforo e isqueiros ao alcance das crianças	41	91,1
Coloque as panelas nas bocas traseiras do fogão, com os cabos para trás	44	97,8
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Evite a exposição prolongada ao sol e sempre usa filtro solar	8	17,8
Mantenha o registro de gás fechado quando não utilizar o fogão	21	46,7
Mantenha o ferro de passar roupas longe das crianças	36	80
Guarde produtos químicos em recipientes adequados e fechados	36	80
Nunca deixe fósforo e isqueiros ao alcance das crianças	37	82,2
Coloque as panelas nas bocas traseiras do fogão, com os cabos para trás	43	95,6
O que você faz caso haja queimaduras		
Envolve a criança com panos limpos	2	4,4
Não sabe	4,3	6,7
Retira as roupas e acessórios da criança	10	22,2
Liga para o SAMU	26	57,8
Irriga a área com água	28	62,2

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre afogamentos, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria marcou: quando for nadar, sempre junto com o adulto e sempre com boia ou colete (93,3%) e não deixam a criança sozinha na banheira (91,1%). Quando perguntados sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: quando for nadar, sempre junto com o adulto e sempre com boia ou colete (93,3%) e não deixam a criança sozinha na banheira (82,2%). A respeito das ações, caso haja afogamentos, podendo ser marcada mais de uma opção, 84,4% ligam para o SAMU ou Corpo de Bombeiros, 71,1% tiram a criança da água e 60% fazem respiração boca a boca.

Tabela 4 – Afogamentos

Prevenção e ação de afogamentos	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Evite deixar brinquedos próximos à piscina ou reservatórios de água	33	73,3
Ensine as crianças a nadar	36	80
Manter a piscina fora do alcance das crianças, com cercados ou tablado	40	88,9
Não deixe a criança sozinha na banheira	41	93,3
Quando for nadar, sempre junto com um adulto e com boia ou colete	42	93,3
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Ensine as crianças a nadar	14	31,1
Evite deixar brinquedos próximos à piscina ou reservatórios de água	27	60
Não deixe a criança sozinha na banheira	37	82,2
Manter a piscina fora do alcance das crianças, com cercados ou tablado	38	84,4
Quando for nadar, sempre junto com um adulto e com boia ou colete	42	93,3
O que você faz caso haja afogamentos		
Não sabe	1	2,2
Manobras de RPC	14	31,1
Faz respiração boca a boca	27	60
Tira a criança da água	32	71,1
Liga para o SAMU ou Corpo de Bombeiros	38	84,4

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre choque elétrico, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria marcou: mantenha sempre os aparelhos elétricos afastados da água (93,3%) e mantenha fios e cabos guardados ou tampados e fora do alcance das crianças (84,4%). Quando perguntados, sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: mantêm sempre os aparelhos elétricos afastados na água (91,1%) e mantêm fios e cabos guardados ou tampados e fora do alcance das crianças (80%). A respeito das ações caso haja choque elétrico, podendo ser marcada mais de uma opção, 75,6% ligam para o SAMU e 62,2% desligam a fonte de eletricidade.

Tabela 5 – Choque elétrico

Prevenção e ação de choque elétrico	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Instala protetores nas tomadas	31	68,9
Cuidado com as pipas, principalmente nos dias de chuva	33	73,3
Não mude a temperatura do chuveiro elétrico com ele ligado	33	73,3
Mantenha os fios e cabos guardados ou tampados e fora do alcance das crianças	38	21,5
Mantenha sempre os aparelhos elétricos afastados da água	42	93,3
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Cuidado com as pipas, principalmente nos dias de chuva	22	48,9
Não mude a temperatura do chuveiro elétrico com ele ligado	25	55,6
Instala protetores nas tomadas	26	57,8
Mantenha os fios e cabos guardados ou tampados e fora do alcance das crianças	36	80
Mantenha sempre os aparelhos elétricos afastados da água	41	91,1
O que você faz caso haja choque elétrico		
Não sabe	6	13,3
Afasta a criança do local	15	33,3
Avalia se ocorreu perda de consciência ou parada respiratória	19	18,6
Desliga a fonte de eletricidade	28	62,2
Liga para o SAMU	34	75,6

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre intoxicações, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria marcou armazenar fora do alcance das crianças medicamentos e produtos químicos industrializados, produtos de limpeza e raticidas (97,8%) e sempre presta atenção em onde deixa os produtos tóxicos enquanto os usa e mantém supervisão constante sobre ele (80%). Quando perguntados sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: armazenar fora do alcance das crianças medicamentos e produtos químicos industrializados, produtos de limpeza e raticidas (88,9%) e sempre prestam atenção em onde deixam os produtos tóxicos enquanto os usam e mantêm supervisão constante sobre ele (77,8%). A respeito das ações, caso haja intoxicações, podendo ser marcada mais de uma opção, 82,2% ligam para o SAMU ou Corpo de Bombeiros, 60% têm a embalagem do produto que causou a intoxicação sempre em mãos ao ligar para o Centro de Controle de Envenenamento (CEE) ou médico e 6,7% entram em contato imediatamente com o CEE.

Tabela 6 – Intoxicações

Prevenção e ação de intoxicações	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Quando adquirir qualquer produto para a criança tem que ser atóxico	5	11,1
Dê preferência para produtos cujas tampas são à prova de crianças	9	20
Informe-se sobre quais produtos domésticos podem ser tóxicos	23	51,1
Sempre preste atenção onde deixa os produtos tóxicos enquanto os usa	36	80
Armazena fora do alcance das crianças qualquer produto tóxico	44	97,8
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Quando adquirir qualquer produto para a criança tem que ser atóxico	4	8,9
Dê preferência para produtos cujas tampas são à prova de crianças	11	24,4
Informe-se sobre quais produtos domésticos podem ser tóxicos	21	46,7
Sempre preste atenção onde deixa os produtos tóxicos enquanto os usa	35	77,8
Armazena fora do alcance das crianças qualquer produto tóxico	40	88,9
O que você faz caso haja intoxicações		
Usa algum antídoto	1	2,2
Não sabe	2	4,4
Entra em contato com o Centro de Controle de Envenenamento (CEE)	27	60
Liga para o SAMU ou Corpo de Bombeiros	37	82,2

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre quedas, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria marcou: mantenha sempre uma mão segurando o bebê durante a troca de fraldas e nunca deixe um bebê sozinho em móveis (88,9%) e adequação das acomodações e do mobiliário à faixa etária (82,2%). Quando perguntados sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram: mantenha sempre uma mão segurando o bebê durante a troca de fraldas e nunca deixe um bebê sozinho em móveis (77,8%) e adequação das acomodações e do mobiliário à faixa etária (73,3%). A respeito das ações caso haja quedas, podendo ser marcada mais de uma opção, 62,2% ligam para o SAMU, 48,9% retiram a criança do local e levam para o hospital e 35,6% mobilizam a criança.

Tabela 7 – Quedas

Prevenção e ação de quedas	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Usa portões de segurança em escadas	34	75,6
Usar capacete ao andar de bicicleta, skate ou patins	34	75,6
Sacadas com proteção	35	77,8
Adequação das acomodações do mobiliário à faixa etária	37	82,2
Mantenha sempre uma mão segurando o bebê na troca de fraldas	40	88,9
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Usa portões de segurança em escadas	19	42,2
Usar capacete ao andar de bicicleta, skate ou patins	20	44,4
Sacadas com proteção	26	57,8
Adequação das acomodações do mobiliário à faixa etária	33	73,3
Mantenha sempre uma mão segurando o bebê na troca de fraldas	35	77,8
O que você faz caso haja quedas		
Não sabe	2	4,4
Mobiliza a criança	16	35,6
Retira a criança do local e leva para o Hospital	22	48,9
Liga para o SAMU	28	62,2

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre cortes e perfurações, quando questionados a marcar o que sabiam sobre prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, a maioria marcou deixar fora do alcance das crianças objetos perfurantes (91,1%) e em atividades escolares, dá à criança tesoura sem ponta (91,1%). Quando perguntados sobre o que executam dessa prevenção, podendo ser marcada mais de uma opção, as opções mais marcadas foram as mesmas: deixar fora do alcance das crianças objetos perfurantes (93,3%) e em atividades escolares, dá à criança tesoura sem ponta (88,9%). A respeito das ações caso haja cortes e perfurações, podendo ser marcada mais de uma opção, 62,2% ligam para o SAMU e 55,6% tentam estancar o sangramento com um pano limpo.

Tabela 8 – Cortes e perfurações

Prevenção e ação de cortes e perfurações	n=45	n%
O que você conhece para evitá-los		
Guarda os objetos perfurantes com capas de proteção	29	64,4
Quando cozinha, mantém a criança longe	35	77,8
Deixa fora do alcance das crianças objetos perfurantes	41	91,1
Em atividades escolares, dá à criança tesoura sem ponta	41	91,1
O que você executa para a prevenção desses acidentes		
Guarda os objetos perfurantes com capas de proteção	22	48,9
Quando cozinha, mantém a criança longe	30	66,7
Deixa fora do alcance das crianças objetos perfurantes	40	88,9
Em atividades escolares, dá à criança tesoura sem ponta	42	93,3
O que você faz caso haja cortes ou perfurações		
Não sabe	3	6,7
Lava o local	10	22,2
Tenta estancar o sangramento com um pano limpo	25	55,6
Liga para o SAMU	28	62,2

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Sobre prevenção e execução da prevenção, a maioria dos pais, em todos os acidentes, marcou as mesmas alternativas, chegando à conclusão de que, quanto mais eles sabem sobre como evitar os acidentes, mais vão fazer com que medidas simples e diárias passem a ter papel em suas vidas. Dessas medidas de prevenção, as mais marcadas eram medidas culturalmente conhecidas, que fazem mais parte do dia a dia dos brasileiros.

4 DISCUSSÃO

Pôde-se identificar que as famílias possuem déficit de conhecimento sobre prevenção e medidas de urgência e emergência dos acidentes pediátricos, não aplicando corretamente a informação prévia, tornando as crianças mais susceptíveis a esses eventos.

A respeito de quem cuida da criança, quem exerce mais esse papel é a mãe (89,9%), com o pai ficando em segundo lugar com 71,1%. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), o papel do pai é de extrema importância no desenvolvimento da criança, fazendo com que o crescimento seja mais saudável e que ela esteja mais protegida de eventos adversos.

Os locais de lazer da criança são principalmente em passeios (parques, playgrounds, clubes e outros) com 95,6%. Segundo Harada *et al.* (2003), os parques infantis constituem o lugar mais propício de uma criança sofrer acidentes, sendo 88% deles quedas e 40% desses acidentes como sendo resultado da supervisão inadequada dos pais.

Quando perguntados sobre quais acidentes o pré-escolar havia sofrido, 88% foram quedas, 28% cortes e perfurações, 16% sufocação e engasgamento e 8% queimaduras. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), os pré-escolares estão

mais susceptíveis a atropelamentos, afogamentos, quedas, cortes e perfurações e queimaduras, indo de encontro aos resultados encontrados.

A respeito do número discado em caso de emergência, apesar de 55,6% terem acertado o número do SAMU, que é 192, muitos pais confundiram com o do Corpo de Bombeiros, que é 193. Saber a quem recorrer em casos de emergências é fundamental.

Em relação aos acidentes, os resultados mostraram que o que mais os pais sabiam sobre prevenção é o acidente de trânsito, visto que é um dos acidentes que mais possui campanhas públicas, como a Campanha Maio Amarelo, internacional, que conscientiza a população sobre a segurança viária e atua para salvar vidas (MAIO AMARELO, 2019).

Sobre quais medidas devem ser tomadas em casos de acidentes, muitos pais marcaram medidas que não deveriam ser realizadas por colocar em risco a vida da criança. Para a remoção das vítimas dos veículos em acidentes de trânsito, necessita-se estabilizar toda a coluna vertebral durante toda a movimentação, através da movimentação em blocos, evitando a fratura de uma vértebra e, conseqüentemente, lesões na medula espinhal. Muitos leigos retiram inadequadamente a criança do local e o capacete, tornando-a exposta a lesões e fraturas ou até mesmo agravos no quadro geral. Nos resultados, 22,2 % das pessoas afirmam que retiram a criança do local, o que não nos dá certeza se a retirada obedeceria aos preceitos corretos. Outro exemplo que envolve a movimentação da vítima é em situações de quedas, em que 48,9% retiram a criança do local (SECRETARIA DA SEGURANÇA..., 2011).

A respeito dos acidentes de trânsito, segundo o Ipea, mais de 69% dos acidentes ocorridos em rodovias federais no ano de 2014 tiveram como causa imprudência dos motoristas, sendo englobados excesso de velocidade, ultrapassagens forçadas, falta de atenção, dirigir sob efeito de álcool entre outros (MASSAÚ, 2016). A pesquisa mostra um dado que contradiz essa última causa, já que aponta que uma das medidas de prevenção tomadas pelas famílias é não dirigir embriagado (93,3%). Com isto, acredita-se que muitas coisas que os pais relatam fazer podem não condizer com a ação de fato realizada.

Segundo o Protocolo do SAMU (BRASIL, 2016, p. 491-497) e o Protocolo de Suporte Básico de Vida do Corpo de Bombeiros (SECRETARIA DA SEGURANÇA..., 2011, p. 10-17), a avaliação da criança com suspeita de trauma deve ser utilizada de forma contínua (após cada intervenção ou sempre que o quadro se alterar), utilizando-se da seqüência avaliar/identificar/intervir e iniciar as intervenções apropriadas imediatamente. Nos resultados encontrados, os pais em sua maioria (91,1%) chamam o SAMU, não tomando nenhuma atitude de urgência e emergência preconizada por esses protocolos. Tal fato chama a atenção para o despreparo da população leiga em atender esse tipo de acidente.

Das ações de prevenção de acidentes por asfixia, os resultados encontrados vão de encontro com o recomendado pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013), que consiste em o bebê dormir, usando sempre a barriga para cima e a elevação da cabeça, a fim de prevenir asfixia por vômitos (22%), ofertar alimento pequenos e duros como amendoim só após os 4 anos, quando a criança tiver a dentição completa, a fim de prevenir a asfixia por alimentos sólidos (55,6%), guardar em locais adequados objetos pequenos como botões, principalmente antes dos 5 anos, fase em que a criança explora o mundo com a boca (86,7%) e a compra de brinquedos adequados à idade das crianças

evitando peças pequenas que possam ser engolidas (80%). Destes a ação menos realizada relatada pelos pais é evitar a asfixia por vômitos, colocando em risco a saúde da criança, pois é um dos acidentes mais comuns em crianças menores de 2 anos segundo o Ministério da Saúde (2015).

Quanto às ações em caso de asfixia, para a desobstrução das vias aéreas e controle da coluna cervical é necessária a manobra de *Helminch*. Os dados mostram que tal manobra é realizada por 55,6% dos pais, enquanto 44% chama o SAMU. Isto nos mostra que apenas metade dos pais talvez não saibam realizar essa manobra que é de extrema importância e que deve ser realizada o mais precocemente possível, podendo salvar vidas.

Sobre queimaduras, as formas de prevenção diária são: não ter acesso a eletrodomésticos, fósforo, isqueiros; não devem entrar na cozinha sem serem supervisionadas; adultos não devem lidar com líquidos quentes quanto em companhia da criança; deve-se conferir a temperatura da água antes do banho; checar a temperatura dos alimentos e do leite. Nos resultados, as respostas mais expressivas foram não ter acesso a eletrodomésticos, fósforo, isqueiros (91,1%); crianças não devem entrar na cozinha sem serem supervisionadas (97,8%). Em caso de acidentes por queimadura, uma das medidas recomendadas é irrigar com soro fisiológico, indo de encontro com os resultados obtidos, sendo que, dentre eles, o que mais as famílias realizam na prática diária é a irrigação da área queimada com água (62,2%) (BRASIL, 2016).

Sobre prevenção de afogamentos, segundo a Associação de Prevenção de Afogamentos, é necessário limitar o acesso à água através de barreiras; ensinar potenciais testemunhas de afogamento as manobras de salvamento e de reanimação seguras; ensinar as crianças com idade escolar competências básicas de natação e segurança aquática. Dos resultados obtidos na pesquisa, 80% sabem que é preciso ensinar as crianças a nadar, entretanto somente 30% faz esse ensinamento. Cerca de 84% dos pais limitam o acesso das crianças à água. Sobre a conduta em casos de afogamentos, 84,4% ligam para o SAMU, apenas 31,1% fazem as manobras de RPC e 60% fazem respiração boca a boca, estando novamente despreparados para tal situação, já que as medidas de suporte de vida deveriam ser empenhadas por 100% dos participantes. (SECRETARIA DA SEGURANÇA..., 2011).

Das formas de prevenção de choque elétrico, os resultados foram de encontro com as recomendações da Cartilha de Acidentes Domésticos Infantis (2019), sendo elas: substituir as fiações antigas e desencapadas e os fios devem ficar isolados em locais adequados, como canaletas e conduítes; colocar protetores nas tomadas, todos os eletrodomésticos devem ficar longe de líquidos, entre outras. Uma das mais importantes ações, que é colocar protetores nas tomadas, é apontada por 57,8% dos pais como fator de prevenção. Sobre as medidas tomadas em caso de choque elétrico deve-se: avaliar se ocorreu perda da consciência e/ou parada cardiorrespiratória, desligar ou afastar a fonte de energia da vítima e aguardar o SAMU. As medidas feitas, segundo os pais, são que apenas 18,6% avaliam o estado da criança e 13,3% não sabem o que fazer, deixando muitas vezes a criança ainda em contato com a fonte que provocou o choque (SECRETARIA DA SEGURANÇA..., 2011).

Segundo a Cartilha de Acidentes Domésticos Infantis (2019), para a prevenção de intoxicações, as famílias devem se informar e evitar o cultivo de plantas tóxicas

(tinhorão, comigo-ninguém-pode, copo-de-leite, saia branca, aroeira, coroa-de-Cristo e pinhão roxo) e outros produtos que possam ser tóxicos; guardar produtos de limpeza, medicamentos e venenos em lugares trancados, sempre os mantendo com sua embalagem original, preferindo comprar os que vêm com tampa de proteção. Dos resultados obtidos, 88,9% armazenam-nos fora do alcance das crianças, 44,6% se informam sobre quais produtos podem ser tóxicos e 24,4% preferem comprar produtos com tampa de proteção. Chama a atenção que menos da metade dos pais procura se informar sobre isto. Em caso de acidentes por intoxicações, deve-se reconhecer a forma da intoxicação através de sinais como: por ingestão, tem sinais ao redor da boca, hálito e odor incomum, deglutição dificultada; dor abdominal; náuseas, vômitos e diarreia; convulsões e alterações de consciência, pulso e/ou respiração; por contato, apresenta sinais e/ou coceira no local; irritação; dor de cabeça; temperatura do local aumentada; por inalação tem taquipneia; tosse; irritação nos olhos. Entretanto, muitos pais não sabem tomar essas medidas, ligando para o SAMU (82,2%) e entrando em contato com o CEE (60%), não sabendo informar a origem e o tipo de intoxicação ocorrida, para que o SAMU ou o CEE possam orientar corretamente as ações que devem ser feitas até entrarem em contato com o serviço especializado (SECRETARIA DA SEGURANÇA..., 2011).

Sobre quedas, torna-se necessário para sua prevenção, segundo a Cartilha de Acidentes Domésticos Infantis (2019), manter o chão limpo e seco a fim de evitar escorregões e quedas; nunca deixar a criança brincar nas lajes, escadas e sacadas; certificar-se de que todas as janelas às quais a criança tenha acesso estejam travadas, trancadas ou adaptadas com travas, telas de proteção ou grades, para que não se abram mais do que 15 cm; usar grades ou portões de proteção no topo e na base das escadas; não deixar objetos espalhados ao longo das escadas; os corredores devem ser iluminados, de dia e à noite; famílias que moram em edifícios e sobrados devem instalar grades e redes de proteção. Dos resultados obtidos, apenas 57,8% dos pais colocam proteção nas sacadas e 42,2% usam portões de segurança nas escadas, tornando esses acidentes um dos mais comuns nessa faixa etária. Em caso de acidentes por quedas, deve-se advertir a criança para não se mover; estancar qualquer hemorragia e imobilizar fraturas. Com os resultados, observa-se que 62,2% ligam para o SAMU, 48,9% retiram a criança do local e a levam ao hospital, o que é inadequado já que pode ocasionar um dano maior como o trauma medular. Apenas 35,6% dos pais realizam a imobilização da criança.

Sobre cortes e perfurações, torna-se necessário para sua prevenção, segundo a Cartilha de Acidentes Domésticos Infantis (2019), cuidado com mesas de tampo de vidro e espelhos; não cozinhar perto das crianças; não deixar objetos perfurantes como facas ao alcance delas. Dos resultados obtidos, 88,9% das famílias deixam esses objetos longe das crianças e 66,7%, quando cozinha, mantêm as crianças longe, tornando-se uma prevenção comum no dia a dia das famílias. Orienta-se que nesse tipo de acidente, os cortes de pequena proporção devem ser lavados com água e sabão; se estiverem sangrando, deve-se pressionar a área por cerca de três minutos e ferimentos grandes e profundos necessitam de atendimento médico de urgência. Considerando isto, 62,2% dos pais chamam o SAMU, 55,6% tentam estancar o sangramento e 22,2% lavam o local,

mostrando quem apesar desse tipo de acidente ser comum em toda faixa etária, não é a totalidade que toma atitudes simples frente a essa situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que as famílias possuem déficit de conhecimento sobre prevenção e medidas de urgência e emergência dos acidentes pediátricos. Muitos não colocam em prática medidas simples de prevenção, expondo as crianças a riscos desnecessários. Sobre as ações que devem ser tomadas nos acidentes abordados, os pais ou responsáveis não se encontram preparados da forma mais correta para o que possa vir a ocorrer com seus filhos, tendo como principal medida a ligação para o SAMU. A demora em prover ações imediatas diante de certos acidentes pode ocasionar risco de morte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Protocolos de Intervenção para o SAMU 192 - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência**. Brasília (DF), 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. **Manual de acompanhamento da criança**, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Secretaria de Atenção à Saúde. **Cadernos de Atenção Básica 33: saúde da criança: crescimento e desenvolvimento**. Brasília (DF), 2012.

CAMPOS J. A. *et al.* **Segurança da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, 2004.

FILOCOMO, Fernanda Rocha Fodor *et al.* Perfil dos acidentes na infância e adolescência atendidos em um hospital público. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 287-294, maio 2017.

FRANCA, Elisabeth Barboza *et al.* Principais causas da mortalidade na infância no Brasil, em 1990 e 2015: estimativas do estudo de Carga Global de Doença. **Rev. Bras. Epidemiol**, São Paulo, v. 20, supl. 1, p. 46-60, maio 2017.

HARADA, M. J. C. S.; PEDREIRA, M. L. G.; ANDREOTTI, J. T. Segurança com brinquedos de parques infantis: uma introdução ao problema. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 11, n. 3, p. 383-386, maio-junho, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Informação mundial sobre afogamento: prevenção - o primeiro elo da cadeia de sobrevivência**. Neptune serenity - Associação de Prevenção do Afogamento, 2014.

MAIO AMARELO. Movimento Maio amarelo. *In*: **NO TRÂNSITO, o sentido é a vida**. 2019. Disponível em: <https://maioamarelo.com/2019-no-transito-o-sentido-e-a-vida/>.

MASSAÚ, Guilherme Camargo; ROSA, Rosana Gomes da. Acidentes de trânsito e direito à saúde: prevenção de vidas e economia pública. **Revista de Direito Sanitário**, v. 17, n. 2, p. 30-47, 25 out. 2016. Universidade de São Paulo, Sistema Integrado de Bibliotecas.

MOREIRA, André Ricardo; VIDOR, Ana Cristina. Eventos agudos na Atenção Básica: **Asfixia**. Escola de Saúde Pública de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PROTESTE ASSOCIAÇÃO DE CONSUMIDORES. **Cartilha de acidentes domésticos infantis**. 2019. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/299/o/Cartilha-Acidentes-Infantis.pdf?1504015854>.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E JUSTIÇA CORPO DE BOMBEIROS MILITAR (Estado de Goiás). **Protocolo para o suporte básico de vida do CBMGO**, 2011. Disponível em: <https://www.bombeiros.go.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/ProtocoloParaOSuporteBasicoDeVida-2011.pdf>.

TAKEJIMA, M. L. *et al.* Prevenção de queimaduras: avaliação do conhecimento sobre prevenção de queimaduras em usuários das unidades de saúde de Curitiba. **Rev. Bras. Queimaduras**, v. 10, n. 3, p. 85-88, 2011.